

INFAMIES

de Denisson Palumbo

Esta é uma criação dramatúrgica feita a partir da obra “A história universal da infâmia”, de Jorge Luis Borges, e foi um projeto contemplado pelo Edital Setorial de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

EPÍGRAFE

“Fazer do deleite

ato

todo fato

ter um jeito

tudo é

arte fato

prazer defeito

arte ficcio

FICCIONES!

O extracto...”

(A J.L. Borges, Zeca de Magalhães)

PRÓLOGO:

Cortejo fúnebre

IÚNA INFAME

Infame é faminto,
é carne no sal,
é um vinho tinto
que o tempo faz mal.

Em volta de todo defunto
de sangue se encharca o enxame
que zune e zomba do assunto:
pequeno inseto infame.

Infame é falsária
história universal,
é pedra calcária
em gruta abissal.

Martelo ressoa a sentença
que não tem ateu que reclame
é clara, imensa ofensa;

é força folgada, infame.

Infame é infarto
no corpo real,
invertido parto,
nafragada nau.

A tampa da tumba se fecha,
e frágil como um origami
se rasga deixando um brecha:
firmamento; fuga infame.

Infame é farpado
pedaço de pau,
pintado cercado
com a cor de cal.

O galo se cala na missa,
enforcado num nó de arame
do mesmo ferro da justiça:
balança; guilhotina infame

Infame é falante

duma língua imortal

que invariante

é sempre plural.

QUADRO UM: CHACHÁ DE SOUZA

Passeio em arruar

CORO DOS INFAMES

Portos, entrepostos; rotas de dispersão.
O peso da venda e compra de corpos...
O bálsamo do negócio de negros e negras
sangra no fluxo e refluxo de veias azuis...
Escravizados brasis de pretos contra pretos.
Tanta pele se repele; incomoda como cisco
que cresce e se faz cisto nas amas de leite.

CORIFEU

- O mais infame que já se soube,
sagaz no negócio negreiro,
agradou a gregos e baianos,
e num banho de sangue lavou
suas mãos de nobre magnata
pretas por fora, brancas na palma.
ELE É CHACHÁ DE SOUZA,
O ATROZ REDENTOR DA RAÇA

CHACHÁ DE SOUZA

- Que arruar horrível! Não tinha reparado. Que desgraça! (*bate na madeira*) Isola! Mas, pelo menos, dá pra passear.

FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Que negros lindos! Olhe esse! - Olá. Olá. É você, o Sr. Francisco Félix de Souza? Eu sou D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE, quero comprar esses escravos.

CHACHÁ DE SOUZA

- Estou a passeio; precisa ir ao porto em dia de preto.

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE:

- Sim, sim. Mas por lá não encontro negros como esses.

CHACHÁ DE SOUZA

- Ainda bem que o senhor saber ! Pretos não são todos iguais!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Uhum, Justamente, inclusive

CHACHÁ DE SOUZA (*interrompendo-o*)

- Olhe só. Não trato com abolicionistas (*leva-o para o canto*), não em público.

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Hã! Calma lá. Não me tome por francês!

CHACHÁ DE SOUZA

- Ah, não! Pois então diga logo o que o senhor quer.

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Já disse. Quero negros como aqueles!

CHACHÁ DE SOUZA (*sussurra*)

- Como aqueles eu tenho mil!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Eu só quero um. (*tira do bolso um torrão de açúcar*)

CHACHÁ DE SOUZA (*faz escândalo*)

- O que é isso? Açúcar! Açúcar!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Um torrão de açúcar, para o pagamento.

CHACHÁ DE SOUZA

- Por um escravo?

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Ah, vocês não aceitam mais açúcar como moeda.

CHACHÁ DE SOUZA

- Eu não aceitaria essa forma de pagamento nem no século passado, nem se você trouxesse rapadura; um canavial inteiro já moído. Eu quero é ouro, rapaz.

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Então vamos negociar. Negros como esses, quanto cobra por eles?

CHACHÁ DE SOUZA

- Xi. Você não sabe de nada mesmo, né?! Nessa área é proibido fazer negócios. Estamos passeando. Passei, passei. (*de braços dados, caminham*) Esses negros não ficam quietos quando sabem que vão ser vendidos... falam entre si, vê? Agora estão planejando a fuga. Não olhe mais. Os negros sabem falar, sabia? Alguns são... como chama, ah, alguns são políglotas; mas acho que o senhor, pelo jeito, nunca ouviu um negro falando

Ele consente e um foco de luz um ator fala:

Bóyá ijókan Olórun á tími léhìn, kí èmi ó lo, kí nrí won. Ijókan n'igi í m'ojú iná, bóbá di ijókeji a d'ájókù...

CHACHÁ DE SOUZA

- Do que voe ri? Não se entende nada! Não é engraçado. É uma desgraça!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Ah, pois eu quero ouvi-los cantar. Dizem que cantam e dançam bem.

CHACHÁ DE SOUZA

- É... também lutam muito bem, são todos bons nisso, salva exceção!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Ah, eu quero um negro desse para mim!

CHACHÁ DE SOUZA

- Até mil, mas não me traga açúcar aqui. O senhor acha o quê? Rapaz, o mar não tá pra preto, não. Tráfico negreiro é coisa de homem.

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Senhor Félix, eu posso pagar parcelado?

CHACHÁ DE SOUZA

- Como é que é? Você vem aqui, no meu horário de descanso, dizendo que quer negociar e me fala em pagar parcelado!

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

- Não, não. Eu posso pagar a vista, mas é que eu pensei/

CHACHÁ DE SOUZA

- Você sabe quanto custa para manter um tumbeiro? É um transatlântico/

FERNÃO LOPES ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE

- Eu sei, eu sei, mas, entenda eu quero fazer uma/

CHACHÁ DE SOUZA

- E quando a marinha francesa, aqueles fedorentos...

FERNÃO LOPES ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE

- Sim, eu sei, mas eu não sou francês, acredite

CHACHÁ DE SOUZA

- Deixa eu terminar... O negócio está difícil, os cartógrafos cobram uma fortuna! Você nem imagina como é. Às vezes o jeito é se jogar, sem rota, aí se cai numa patrulha, e vai a carga quase toda pro mar: um prejuízo! Ano passado...

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE (*interrompe-o violentamente*)

- Eu quero um negro para mim! Eu quero transar com um negro! Agora!

Chachá de Souza se cala de espanto

CHACHÁ DE SOUZA

- Pois eu não vendo

FERNÃO LOPES ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE

- Como?

Chachá fica calado. Acena espalhafatosamente aos negro.

- Ah, não vai vender?

Chachá se prepara para subir no arruar e Fernão o persegue. Os dois se apertam lá dentro. Ouve-se as vozes.

- Vamos conversar melhor

CHACHÁ DE SOUZA

- Não vamos conversar, não. Saia já.

Um bate boca. Sob o peso dobrado os negros reagem

NEGRO DA FRENTE:

- SEUS INFAMES!

NEGRO DE TRÁS:

- SEUS INFAMES!

Os negros rendem os dois

D. FERNÃO PINHEIRO DE ALCÂNTARA E ALBUQUERQUE

-Não! Eu não!? Eu só quero livrar vocês!

CHACHÁ DE SOUZA

- Então você assume que é abolicionista?

NEGRO DA FRENTE:

- Calem-se

NEGRO DE TRÁS

- Calem-se

CHACHÁ DE SOUZA

- E vocês? O que pensam que estão fazendo?

NEGRO DA FRENTE:

- Justiça poética

NEGRO DE TRÁS:

- Justiça poética

Black-out. Agora se ouve gritos estridentes que se transformam em risadas sonoras. Abre-se a luz. Os negros estão rendidos, um deles de quatro, ao gosto de Fernão, e outro ajoelhado, ao gosto de Chachá.

COMPADRE DA INFÂMIA

- Quem deles merece engordar o coro dos infames?

COMADRE DA INFÂMIA

- Infames demais ! Os dois são dignos de nosso coro.

Eles arrastam Chachá e Fernão para o CORO DOS INFAMES

FIM DO QUADRO UM.

PADÊ INFAME

Aberto, tudo está aberto!

As pernas, o peito,

os olhos, o lar

Lacrado, tudo está lacrado!

Os lucros, o selo,

As cartas, o par.

CORO DOS INFAMES

Que deus salve a rainha
e o negro lance ao mar
longe vá sua ladainha
em outro porto atracar.

CORIFEU

O mais infame que já se viu
Veloz com a faca da língua
Guarda entre seus dentes
A gargalhada e a mordida
E mordança nenhuma engole
A liberdade que ele cospe
ELE É TOINHO PILINTRA,
O ADVOGADO MALANDRO

QUADRO DOIS: TOINHO PILINTRA

Tribunal.

TOINHO PILINTRA

- Excelência, Senhor Doutor Juiz, meu cliente e amigo, olhe bem para ele... É bem verdade que não se parece com a mãe. Mas parece o senhor com a sua? Que por mal não lhe pergunte.

MADAME THINBORN

- Mas antes de vir para o Brasil, ele se parecia comigo.

TOINHO PILINTRA

- Mas os homens mudam, Madame. E o Brasil, então, provoca grandes mudanças. É o clima, a comida, entende?

JUIZ

- Que absurdo! Eu ainda permito que continue com a defesa pois todos tem direito a tal, mas posso te adiantar que não vai conseguir livrá-lo da acusação,

TOINHO

PILINTRA

-Vamos ter calma com essa mãe aflita. Vossa Excelência não tem mãe? Nosso caso não é comum, concordo, pois trata-se de um milagre

JUIZ

- Poupe-nos dessa ladainha

TOINHO PILINTRA

- O senhor pode trazer a bíblia mais uma vez, e mais uma vez eu posso jurar perante deus. MILAGRE, MILAGRE (para a Madame) é o que aconteceu.

O réu solta uma gargalhada confusa, entre tosse e gargalhada mesmo

JUIZ

- Acho que nem o próprio réu acredita nesta história

TOINHO PILINTRA

Nada disso! Esse homem tem problemas nervosos, Excelência. Devido ao acidente do qual ele escapou com vida por pura sorte, aliás, milagre

A MADAME se anima mais a escutar; balbucia qualquer coisa em inglês

- Ele bateu com a cabeça no casco de um barco, além de ficar assim meio abobado, perdeu a memória, e por isso não consegue falar sua língua materna. E mesmo em português, que aprendeu, não diz coisa com coisa. Ah, e ri, assim, aliás, dá gargalhadas assim do nada, mas, principalmente, quando está emocionado.

JUIZ

- Entao você vai insistir em dizer que ele è Roger Thinborn ?

TOINHO PILINTRA

- TENHO UMA PROVA

MADAME THINBORN

- Eu quero ver

JUIZ

- Tenho que ver primeiro, Madame

TOINHO PILINTRA

- É uma carta

JUIZ

- Insubstancial

TOINHO PILINTRA

- Mas o senhor nem viu a substância da carta

JUIZ

- Olha aqui, aliàs, olhe ali, ali, para essa Madame... e agora olhe para ele. O homem é negro!

TOINHO PILINTRA

- Foi o sol do Rio de Janeiro, Vossa Excelência. O sol de verão, é óbvio.

JUIZ

- Chega de absurdo. Já tenho a sentença, permitirei que o réu fale e depois, tchau..
Tenho mais o que fazer ainda hoje. Onde já se viu alguém mudar de cor

TOINHO PILINTRA

“Seleção natural”, Senhor. Já ouviu falar? É a mais moderna teoria científica!
Adaptação ao meio natural. Assim, caso o senhor vá morar na Islândia, encolherá para
caberm num iglu.

O réu deixa escorrer mais uma de suas gargalhadas.

JUIZ

Pronto. Fale, fale, agora é a sua vez

O réu fica abobado

MADAME THINBORN

Eu quero ler a carta antes

TOINHO PILINTRA

Ela conta um acidente da infância que só a mãe saberia.

JUIZ

Você não precisa dizer o que está escrito, ela vai ler a carta

TOINHO PILINTRA

Estou falando à platéia, ao júri, Senho Juiz. Retórica, retórica. Essa carta ele enviou a
um amigo francês, por isso não está em inglês, e tem alguns erros de escrita e tal, mas
não repare, mesmo esse amigo francês não sabia bem a língua

MADAME THINBORN termina de ler a carta e se debulha em substanciais lágrimas

-Tá vendo, ela reencontrou o filho (TONHO PILINTRA cutuca o réu)

ROGER THINBORN

-Mamãe, mamãe

Ela chora copiosamente enquanto se abraçam.

COMADRE DA INFÂMIA

Que bonito é o reencontro de uma mãe com seu filho

COMPADRE DA INFÂMIA

Seu filho? Esse era um filho de chocadeira, um tihoso

COMADRE DA INFÂMIA

Tihoso por quê?

COMPADRE DA INFÂMIA

Por que engana

COMADRE DA INFÂMIA

Engana a quem quer ser enganado

COMPADRE DA INFÂMIA

A quem está desenganado. Tihoso, infame

COMADRE DA INFÂMIA

Infame o suficiente? É só um malandro...

COMPADRE DA INFÂMIA

Malandro é bom que se tenha ao lado.

Eles arrastam Toinho para o CORO DOS INFAMES

FIM DO QUADRO DOIS

MOURÃO INFAME

Por mulheres enganados

tantas mil e uma noites

Por homens nós aguentamos
tantos mil e um açoites
que aceitam as meretrizes
pois gozam das cicatrizes:
lembranças dos pernoites.

Que afoitos ! Não te afoites !
Vai gozar antes de nós...

Pois que seja, e assim seja...
No fim só se goza à sós !

Não, no fim boceta fica,
moles vão ovos e pica,
ao que digam seus avós.

QUADRO TRÊS: CHING CAM PAU CHAY

Confusão babélica: marinheiros portugueses e piratas chineses batem boca, e quando quase batem uns nos outros, alguém grita

TRADUTOR

-CHEGA, CHEGA

Portugueses se calam de um lado

- FALO MI CAM PAU CHAY?

Chineses se calam do outro lado

ALMIRANTE

- Quem é você ?

TRADUTOR

- Sou de Macau, Senhor Almirante. Falo a língua de alguns desses homens, e esse com quem debate são deve ser quem procura, ele são é o líder desses piratas

ALMIRANTE

- Temos um diplomata, senhores.

Os marinheiros riem, forçosamente, um riso amarelo com tons de escorbuto.

PIRATA

- CAM PAU CHAY?

OUTRO PIRATA

- Ra su lá

TRADUTOR e piratas começam a conversar

ALMIRANTE

- Diga-me... o que está acontecendo

TRADUTOR

- Algo que nunca aconteceu antes! Nunca

ALMIRANTE

- O que foi?

TRADUTOR

- O capitão deles morreu/

ALMIRANTE

- QUE BOM!

TRADUTOR

- Bom quando quem assumia o posto è o pirata mais velho, mas o próprio Cam Pau Chay decretou que as viúvas, em caso de morte, em terra firme, podem exercer o direito de ser líder, capitão, no caso.

ALMIRANTE

- Que sandice. Mulheres piratas! Com piratas de calça já é difícil fazer negociação, um pirata de saia, então!

Os marinheiros portugueses riem. Os chineses interrogam o TRADUTOR. Depois de alguma negociação, os chineses começam a rir também. Ameniza-se a atmosfera. Entra a VIÚVA PIRATA CHING CAM PAU CHAY. Silêncio, e ela fala:

- HUEI

O silêncio aumenta. Ela cumprimenta o ALMIRANTE que diz

- Diga a ela que é um prazer, que ela é muito bonita

TRADUTOR

- Posso dizer algo mais?

ALMIRANTE

- O QUE?

TRADUTOR

- Confie, senhor. Confie

Depois de algumas palavras em bom chinês de macaense, ele volta

- Ela quer conversar com você, no convés

ALMIRANTE

- OPA

Eles vão a um espaço superior onde uma opulenta cama cortinada os espera. As falas a seguir são ditas enquanto esta cama geme e treme.

COMADRE DA INFÂMIA

- E assim, seguiram-se muitos meses de negociação

COMPADRE DA INFÂMIA

- Negociação intensa. Cada um com seu negócio

COMADRE DA INFÂMIA

- E o negócio, ao final, para ambas partes, foi bom

COMPADRE DA INFÂMIA

- Bom para eles, melhor para o tradutor: diplomata miserável

COMADRE DA INFÂMIA

- Miserável macaense que passou ao cargo de ouvidor.

COMPARE

DA

INFÂMIA

- E por isso é digno de ser membro do CORO DOS INFAMES

FIM DO QUADRO TRÊS

FADO INFAME

Às vezes o andar desanda,
e o soldado se atrapalha.

Tropeço é passo que falha,
e marcha é como toca a banda

Às vezes se é soldado
nessa marcha mal regida
que é nossa muda vida
só cantada como fado.

QUADRO QUATRO: JOÃO NINGUÉM

Um homem é trazido numa maca, deixado de lado num pátio repleto de doentes sentados. Entram dois médicos e, enquanto distribuem remédios, conversam.

MÉDICO 1

Amigo, a morfina é uma porcaria

MÉDICO 2

A vida é uma porcaria... queria fumar um cigarro agora.

MÉDICO 1

A cocaína

João Ninguém geme

MÉDICO 2

Enfermeira... Sim

MÉDICO 1

Sim, o que eu ia dizendo é que a cocaína vem substituir a morfina. Vai ser uma revolução no ramo farmacológico

MÉDICO 2

Não acho... Uma planta exótica da América do Sul, não é isso ?

MÉDICO 1

Não por isso. O ópio/

MÉDICO 2

Amigo, o ópio não é exemplo, onde está a enfermeira? Esse homem não para de gemer

JOAO NINGUEM

Senhores, estou escutando o que dizem... Deixem-me experimentar esse novo remédio

A enfermeira finalmente chega, e elas a dispõem.

MÉDICO 1

Você acha o quê ?

MÉDICO 2

Não sei, nesse caso

MÉDICO 1

É um soldado moribundo

CORTE. Quarto. Numa cama confortável JOAO NINGUÉM está refestelado quando entram dois homens esbaforidos empunhando livros de poesia.

MODERNISTA 1

Me dá um cigarro!

MODERNISTA 2

Me dá duas.

Passando o dinheiro que João analisa, com desdém

JOÃO NINGUÉM

15 dólares por orelha arrancada, 25 um tiro na perna, 45 uma punhalada, 100 o negócio inteiro. Sem falar na comissão! Cobram caro por esses serviços, não acham ? Na guerra era tudo de graça! Quantas? Uma, né ?

MODERNISTA 2

Uma não, duas. Quer dizer (*ele vê a arma de João*), uma já é o suficiente.

MODERNISTA 1

Essa é da boa?

JOÃO NINGUÉM

Vale todo um poema de Camões.

Eles cheiram e se refestelam na cama.

Fiquem à vontade.

MODERNISTA 2

Como é seu nome, camarada?

JOÃO NINGUÉM

Que nome poderia eu ter, um simpático soldadinho, daqueles trigueiraços que das oito províncias de Portugal acorreram de mochila às costas sem faltar ao embarque para honra de seus batalhões? Nem “serrano”, nem “lanzudo”, nem “gambúzio”, nem “folgadinho”... batizaram-me “João Ninguém”

CORIFEU

E ele teve um misterioso e lógico fim

Negócio inteiro numa encruzilhada...

CORO DOS INFAMES

Reviraram sua barriga

Estriparam seu corpo

Cortaram sua orelha

CORIFEU

Ninguém encontrou o seu assassino

E assim ele morreu, sem deixar culpa

E sem ter feito fama... João Ninguém

COMPADRE DA INFÂMIA

É um santo entre os nossos infames

COMADRE DA INFÂMIA

E os infames o reconhecem entre eles

Procissão

FIM DO QUADRO QUATRO

CORRIDO INFAME

Foi numa data distante
que nasceu nosso infante
armado até as fraldas
ante as tropas do patrão.

Aprendeu com a pistola
que o livro da escola
o escreve quem a controla
esbanjando munição.

Nisso alguém deu um grito
“GREEN GO” E o Juancito
mesmo sendo bem tiquitito
entrou para um batalhão.

Combatente destemido,
o herói deste corrido,
pela morte foi vencido,
mas fica eterno na canção.

QUADRO CINCO: JUANCITO

Seis jovens jogam baralho e bebem tequila

JUANCITO

- Eu não quero mais jogar

JUAN

- Prisioneiros não tem muito o que fazer

FRANCISCO

- Ele está com medo de ficar bêbado

AGUSTÍN

- Quem perder bebe, Juancito. Tem que beber

FERNANDO

- Ele tá quase perdendo, tá na cara, e nas cartas

VICENTE

- É sua vez, vamos, joga logo, Eu nem ligo se perder

JUANCITO

- Por que vocês todos ficam falando?

FERNANDO

- Um homem tem que ter coragem, Juancito

JUANCITO

- Você ainda não é um homem, Fernando

FERNANDO

- Como não? Eu já transei, já matei, e sou cadete, em breve cabo, do exército mexicano

JUAN

- Aí eu já não sei

FERNANDO

- Cala a boca, Juan

VICENTE

- Só sei que quem perder bebe uma dose de tequila

AGUSTÍN

- Eu vou ganhar, eu vou ganhar.

FERNANDO

- Eu quero ir pro campo de batalha, derrubar uma porção de gringos

Entra um soldado alá Capitão América, começa uma espécie de video-clipe

CORIFEU

O primeiro tiro estourou a garrafa de tequila

O segundo foi um tiro só pra assustar:

Um tiro pra cima; munição pra gastar

E agora quase toda tropa se aniquila

JUANCITO (o único sobrevivente)

- Por favor, não me mate, por favor. PLEASE.

Ao correr se enrola na bandeira de tal forma que cai do alto de uma janela

COMADRE DA INFÂMIA

- Infame ! Fugiu ! Morreu covardemente!

COMPADRE DA INFÂMIA

- Covardemente foi como o capitão invadiu

COMADRE DA INFÂMIA

- Invadiu como se deve invadir - era guerra!

COMPADRE DA INFÂMIA

- Guerra é quando tudo vale, menos covardia...

A Comadre arrasta o jovem ao CORO DOS INFAMES, e saúda o Capitão

FIM DO QUADRO CINCO

TANKAS INFAMES

As tankas podem tanto ser cantadas, declamadas ou projetadas, antes ou durante a cena que seguirá. E se pode usar uma das tankas ou somente uma.

I

Tantas, tantas tankas...
Tranças na crina da égua,
iguais e simétricas
no trotar se destecem
soltas medidas sem régua

II

Ler ideogramas:
Transmutar-se até ser truta;
contra correnteza
e queda d'água escalar
com escamas pelas pálpebras

III

Impérios de pé.
Despencam pelas cabeças

Ideias de aldeia.
E terras engolem línguas
com seus dentes de fronteira.

IV

Japoneses pousam,
impõem seu sol nascente
sobre o leste alheio.
Arquipélago do mundo
faz de continentes ilhas.

V

Tóquio tem retoques:
maquiagem cor de arroz.
Nos olhos de gueixa
olheiras de terremotos;
ressacas que saquês invejam.

VI

Impera o iene;
desmanda no mandarim –
diz a dinastia
que antes do fim das contas
já contabiliza o fim.

VII

O imperialismo...
Sua tecnologia,
no giro das hélices,
lúcida e frenética
fabrica novas fronteiras

VIII

Império de idosos
dólares de olhos puxados
enxergando lucros
melhor do que quaisquer jovens
republiquetas de terno.

QUADRO SEIS: TANAKA

PROJEÇÃO 1

- A. Manchetes sobre a invasão japonesa na China
- B. Diagrama Ishikawa: causa e efeito da guerra.

PROJEÇÃO 2

- A. Imagens de obras de arte japonesa sobrepostas à chinesas

PROJEÇÃO 3

- A. Vídeo arte das bandeiras. Inverte-se as cores vermelhas de cada bandeira
- B. Ideogramas

CORO DOS INFAMES

“Para se tomar o mundo, é preciso tomar a China.
Para se tomar a China, é preciso tomar a Manchúria
e a Mongólia. Se nós conseguirmos conquistar a China,
o resto dos países asiáticos e os países do Mar do Sul,
irão temer-nos e render-se a nós. Então o Mundo
compreenderá que a Ásia do Leste é nossa.
Para se tomar o mundo, é preciso tomar a China.”¹

“PERFORMANCE-HARAKIRI” entre as profusões de imagem e som.

COMADRE DA INFÂMIA

¹ Trecho do “Memorando Tanaka”

- Esse aí... Nem o coro dos infames merece

COMPADRE DA INFÂMIA

- Então ficamos por aqui. O coro está gordo

COMADRE DA INFÂMIA

- Não... Muitas carnes infames ainda faltam.

FIM DO QUADRO SEIS

TANGONOMANGO INFAME

Rosa arrumou um marido
Pensando ser o melhor
Ao invés de ser dançarino
Era um coronel bocó

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

Ele mulher dançarina
Pra dançar tem que ter par
Mas coronel não queria
Qualquer um ia matar

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

Fez uma lista de três
No topo um forte como um boi
Deu no tango e deu no mango
Desses três só ficou dois

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

O seguinte era até bom
Com pernas de guaiamum
Deu tango e deu no mango
Desse dois só ficou um

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

O derradeiro ruim
Cabeça de jerimum
Deu no tango e deu no mango
E agora ficou nenhum

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

Rosa arrumou o seu passo
Do anelar tirou o anel
Deu no tango e deu no mango
E dançou o coronel

Ô martelo trovador
Ô martelo militar

QUADRO SETE²: PACO REAL

ROSA entra de mãos dadas com um homem muito bonito

- Paco, meu amor, quero que conheça o melhor dançarino de tango da Argentina

PACO REAL

- Não quero conhecê-lo

² Durante esse quadro, em outro plano, a personagem SILA SAHIN tece um tapete.

ROSA

- Stephán é argentino como nós

PACO REAL

- Você não è argentina como eu

ROSA

- Com licença. Stephán

PACO REAL

- Só assim para você largar a mão dele

ROSA

- Que isso, Paco? Eu gosto de suas mãos; suas mãos grossas. Paco, por favor, não me atrapalhe mais uma vez. Ele é, realmente, o melhor dançarino de tango da Argentina

PACO REAL

- Como è mesmo seu nome?

ROSA

- Stephán. Stephán Marioni

PACO REAL

- Nome de família

STÈPHAN

- Stephán Marioni La Place

PACO REAL

- Stephán Marioni La Place

CORIFEU

- Esse nome entrou numa lista
lista na qual se entra para sair

sair desta terra... Ou da vida.
vida que é uma dança
dança proibida, proibida.

ROSA

- Não tenha medo, Carlos

CARLOS

- Como não ? Dizem que seu/

ROSA

- Xiii. Eu o que dizem, mas/

CARLOS

- Mas o quê? Não posso sumir como o Marioni sumiu. Tenho filho, Roseta.

ROSA

- Você é meu amigo... eu te entendo, e não devia estar te pedindo para dançar comigo

CARLOS

- Eu te aconselho a buscar um dançarino uruguaio.

CORTE. Bar/ Cafè. Música. PACO bebe no balcão. ROSA dança com seu novo par.

PACO REAL

- Lindo. Parabéns. Não sabia que uruguaio dançavam tão bem o tango. Parabéns,
Patrício Matos

PATRÍCIO

- E eu não sabia que meu nome já havia atravessado o rio. Primeira vez que danço aqui

PACO REAL

- Dançou como um argentino.

PATRÍCIO

- A companheira me ensinou

PATRÍCIO abraça ROSA, efusivamente. PACO então puxa seu revólver

PACO REAL

- Calma, calma (*mostrando o distintivo com outra mão*) Este homem è um comunista

ROSA começa a chorar. Tiros. CORTE

ROSA

- Paco, esse é Osvaldo Ramos

PACO REAL

- Brasileiro, noto pela cor.

OSVALDO RAMOS

- É, Rosa. Já vi que não vai dar...

CORTE

ROSA

- Paco, este è Austin Goldman

PACO REAL (quase rindo)

- Não me parece um dançarino à sua altura. Ele entende? De onde veio?

ROSA

- Austin è de Ohio

PACO dà risadinhas.

AUSTIN

- Entendo tudo.

CORTE

ROSA entra com um chinês. PACO solta uma gargalhada

PACO

- Perfeito. Quando subires no salto, então

ROSA (rindo)

- Vai ser lindo! Pode falar o que quiser que ele não entende nada.

PACO

- Não quero falar nada, sò rir me basta. Ele parece um estivador! Que classe terá para dançar o tango? Onde você arrumou esse par?

ROSA

- Posso ir com ele, então?

PACO

- Sim, sim. Vá com ele, pode ir.

ROSA

- Então, um adeus, Paco

PACO

- Não é preciso tanta cerimônia

ROSA

- Ah, meu amor, eu faço questão.

ROSA e PACO se abraçam e se beijam.

-Ah, meu amor

Ela o esfaqueia.

- Adeus, meu amor.

Nesse momento a tecelã SILA SAHIN corta um fio de lã.

COMADRE DA INFÂMIA

- Dramático demais para meu gosto

COMPADRE DA INFÂMIA

- O gosto refinado da infâmia é rude

Eles carregam o corpo de PACO.

SARÇUELA INFAME

Protocolo quente
que esquentando documentos.

Tratado pretendente
que desposa argumentos.

Amor diplomático
que ao gozo assassina.

Acordo orgasmático
que a arranhões se assina.

QUADRO OITO: SR. SAHIN

SILA SAHIN

- Terminei, papai. Terminei

Vê-se um enorme tapete e nele desenhada a história de Paco e Rosa.

SR. SAHIN

- Lindo, filha. Mas a mulher, Sila.... Sem burca e sangrando, quer dizer, com sangue nas mãos. É uma pagã de qual planície do ocidente?

SILA SAHIN

- Não sei. Quando faço; faço num arrebatamento

Sr SAHIN

- Está lindo, lindo. Vale um bom dinheiro. Agora vá dormir. Você passou dias no tear

SILA SAHIN vai assistir o concurso de beleza: Miss Universo. CORTE

CORIFEU

Se você não se vê

Entre as beldades

Desses desfiles,

nenhuma turca

CORO DOS INFAMES

- TIRA A BURCA

SILA SAHIN desfila vencedora com um troféu nas mãos. Não é um sonho; e num tapete ela tece sua história: as fronteiras, mares e montanhas que atravessou; as mulheres que superou em beleza. E de súbito, SILA SAHIN se vê de volta, diante do pai.

SILA SAHIN

- Eu trago o troféu de mulher mais bela da terra... Para honrar sua casa, meu pai

Sr. SAHIN

- Seu troféu envergonha nossa casa. A toda nossa família, Sila.

SILA SAHIN

- Eu também trouxe esse tapete, de presente, o fiz antes de ir...

Sr. SAHIN

- Fique com ele, use-o como carpete em sua casa

SILA SAHIN

- E um prêmio em dinheiro, isso faço questão. Desde que eu fui embora os negócios não vão bem, eu sei

Sr. SAHIN

- Basta. Saia daqui. Leve tudo o que trouxe. Você não é mais minha filha.

CORTE. Garotas chamam por SILA SAHIN, que agora atende por GEORGINA RIZK

GEORGINA RIZK

- Garotas, hoje à noite vocês vão ser as mais belas mulheres da terra. Estão prontas ?

COMADRE DA INFÂMIA

- Sila Sahin hoje é cafetina

COMPADRE DA INFÂMIA

- A cafetina Georgina Rizk

COMADRE DA INFÂMIA

- Infame, porém honesta

COMPADRE DA INFÂMIA

- E nesse porém, quem é mais infame senão seu pai ?

COMADRE DA INFÂMIA

- Pois bem. E pai de puta por aqui não escapa, não.

Eles arrastam SR. SAHIN para o CORO DOS INFAMES.

FIM DO QUADRO OITO

TORÉ INFAME

Como a cobra
que se dobra –
Troca de couro
na toca – a tribo
troca de credo,
cruz; crema Jesus,
mas não se enforca
Ensina a cobra,
sem crisma, catequese
“nunca reze o recado
de quem lhe sufoca”
E volta pra toca
na sombra do pecado.

QUADRO NOVE: O JESUÍTA

CORO DOS INFAMES

Ardiam almas ingênuas
No fogo vivo do eterno verão
Resistiam plantas trêmulas
Na terra nua de toda estação

Oca. Uma rede e modesto mobiliário: cama, estante, mesa, cadeira. JORGE lê enquanto mata mosquitos, ou mata mosquitos enquanto lê, tanto faz.

- Mateus, Mateus. Olha só, tenho que mostrar isso a ele.

Ele está dormindo na rede. JORGE tenta acordá-lo, mas parece não tocá-lo. De repente, entra outro índio, tirando o hábito, ficando sem roupa.

- Thiago, não, não, você não pode se trocar aqui. E por que está fazendo isso com o hábito. Tenha cuidado com suas coisas, irmão. Entendo que não quer usar sapatos, mas o hábito, para um homem congregado, é mais do que uma roupa, é um signo, entende? Lembra-se daquela lição, daquele texto de Santo Agostinho, Tiago?

Tiago vai embora, Mateus continua dormindo.

- Não me ouve? *(pausa)* A estante! Onde está? Meu Deus. Mateus. Tiago, volte aqui. VOCÊ LEVOU A ESTANTE DAQUI? Agora essa! Já estou sem tinta para escrever, agora sem livros para ler... Como vou fazer meu sermão?

Tiago volta

- Ah, você me ouviu... onde está a estante? O que è isso? O que è isso? Me ignora! Deus do céu, tantos sermoes... *(percebe a falta da mesa)* Minhas coisas! Sumiu também a mesa de estudos! E a cadeira, e a cama. Ai que frio

JORGE não se nota nu.

- Que noite estranha. Que noite fria. Deus. Ai, amigos. Me ajudem, preciso de ajuda.

JORGE sai da oca, a tribo dança em volta de fogueira comemorando não se sabe o quê.

- Amigos, onde estão minhas roupas?

ANTROPOFAGIA

- Homens de Deus, Vocês voltaram às trevas *(vomita)*. Jesus veio à terra para/

Vomita de novo, quando vê que é seu corpo que comem. Ergue a cabeça, está sozinho.

- Onde estou?

CORIFEU

- Demora-se um pouco para descobrir que já se está morto
E uma eternidade para se tornar outro, deixar seu conforto
De ser ricamente real e sublime, para ser de carne sem sal

CORO DOS INFAMES

No fogo morto do fugaz verão
reluziu o espírito da ética
E na terra, no resto da estação
Brotou uma flor inédita

FIM DO QUADRO NOVE

BANZOBLUES INFAME

Cochilamos quando o sono é luxo
Em um trono de madeira e palha
Para dormir no manso cobertor
Da mortalha morna do banzo

QUADRO DEZ: DR. RAIMUNDO

Conversa em cadeiras de balanço

BABALAÔ MARTINIANO

- Acredito que você tenha exagerado quando diz que nós lutamos entre nós por nossa sobrevivência

DR. RAIMUNDO

- E pelo que lutaríamos?

BABALAÔ MARTINIANO

- Você não entendeu, Dr Raimundo, digo que não concordo com o fato de termos que lutar entre nós por nossa sobrevivência, mas concordo que lutamos por ela

DR. RAIMUNDO

- Veja bem, meu caro Martiniano... A competição é natural e inevitável. Existem menos coroas do que homens querendo ser rei

BABALAÔ MARTINIANO

- Entendo, mas se ao invés de divagar sobre homens teóricos ao redor de coroas igualmente teóricas você observasse a maioria dos homens. Quando a situação é difícil, quando, por exemplo, nós, desdentes dos reis de Ketu, tivemos que viver num mesmo reino, Brasil, com outros povos, às vezes inimigos, preferimos a ajuda ao conflito.

DR. RAIMUNDO

- Eu gostaria de aceitar seu exemplo, meu amigo, mas sua insistência me parece um pouco suspeita, o senhor mesmo deixou claro que descende de reis africanos

BABALAÔ MARTINIANO

- Suspeito que o senhor também, Dr. Raimundo Nina Rodrigues. Talvez descenda de algum rei dos tantos de África. Diferimos só pelo fato de que eu aceito e conheço os meus ancestrais. Conheço um pouco mais de perto as vibrações da carne que tanto estudas.

DR. RAIMUNDO

- E eu suspeito de tudo... É meu método... Me perdoe, meu caro, respeito seu cargo, mas não há ciência, ciência/

BABALAÔ MARTINIANO

- É notável de se ver como um cientista reconhece nos animais e plantas, e isso, agora, nos inclui, nós negros, sim, como os cientistas europeus reconhecem sua própria

sociedade, com sua competição, com seus mercados... Na África havia escravidão, mas esta não tinha nenhuma caráter mercantil, entende? Vocês a todo tempo transferem as ideias de um mundo para outro. Dessa forma/

COMPADRE DA INFÂMIA

- Essa conversa está ainda no meio

COMADRE DA INFÂMIA

- No meio... À deriva no mar dos séculos

COMPADRE DA INFÂMIA

- Essa conversa está séculos soterrada

CORIFEU

- E por isso é bom que não a interrompa
Que não se antecipe o final deste infame
Vamos ver sua queda sem glória ou pompa

DR.RAIMUNDO

- Tudo, tudo bem. Mas me deixe saber... Apesar de nossas divergências, você ainda vai me ajudar com as traduções ?

BABALAÔ MARTINIANO

- Sim, sim... A sua pesquisa ainda pode servir às gerações futuras, Dr. Raimundo

DR.RAIMUNDO

- Essa pesquisa é muito importante para o Brasil, o senhor deve saber... No exterior/

BABALAÔ MARTINIANO

- Eu sei, eu sei... Colaborei com a pesquisa de um linguista dos Estados Unidos. Uma pesquisa o nosso português... Assunto que a poucos interessa aqui... Eu fico contente eu ajudar o Senhor Dr Raimundo Nina Rodrigues. Seu nome será lembrado.

DR.RAIMUNDO

- E o seu também, com certeza, entrará nos agradecimentos de meu trabalhado quando publicado. Agradecerei ao amigo Babalaô Martiniano Eliseu Bonfim

BABALAÔ MARTINIANO

- Do Bonfim

DR.RAIMUNDO

- Ah, sim... Do Bonfim

DR. RAIMUNDO cai pra trás da cadeira de balanço

BABALAÔ MARTINIANO (*sentado*)

- Quer ajuda, Doutor?

FIM DO QUADRO DEZ

EPÍLOGO

Cortejo carnavalesco

DESENREDO INFAME

No dia que o Chachá de Souza passou por aqui
Trazia Toinho Pilintra na tripulação
E uma pirata viúva fazia xixi
Como o imperador português apertado também fez
No tempo em que homens honravam as calças
Com peidos em tom maior
E soldados amavam a guerra sem inibição
Beijando a bandeira de língua na longa missão
Tomando cachaças e vinhos e também saquês

Saíam de porre saqueando aqui e acolá
Ao toque de tiros, bombas e balas de canhão

Carijós, Aztecas, Mongóis ou mongolóides, sei lá
Só sei que todos já sumiram ou já já sumirão
Com a benção do padre e o desprezo do cidadão
Que então, de repente, percebe a vida parar
De boca aberta vendo o aborto de sua mulher

Assim, num dia qualquer,
sem data, ano ou mês
A história universal da infâmia
eterna então se fez